

A MÍSTICA DO EDUCADOR CRISTÃO

Tiago Adão Lara

LARA, Tiago Adão. A mística do educador cristão. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 13, ns. s 42/43/44 (Edição Unificada 2007), p. 151-164. 2007.

RESUMO

O artigo visa levantar os questionamentos da contemporaneidade à proposta humanística da modernidade, que tem muito a ver com a proposta cristã. Daí os desafios à mística cristã.

Palavras-chave: Visão de mundo, sentido, valores.

ABSTRACT

This paper aims to raise the contemporary questions to the humanistic proposal of the modernity, which is related with the Christian proposal. Therefore, there are challenges to the Christian mystique.

Key Words: Vision of world, sense, values

A MÍSTICA DO EDUCADOR CRISTÃO

A mística enquanto força excelente, capaz de apaixonar pessoas e grupos humanos, configurar movimentos e instituições; impregnar teorias, doutrinas ou mensagens, tem uma incidência histórica enorme, levando ao surgimento de mundos e subjetividades, marcados por diferenças relevantes. O cristianismo foi, sem dúvida, portador de uma mística poderosíssima, a tal ponto que se constituiu força geradora de civilizações bem conhecidas, a bizantina, no Oriente Próximo e a cristandade ocidental, ambas na chamada Idade Média. Pode-se, pois, falar de uma mística cristã, nesse sentido de força propulsora para a vida das pessoas e de grupos humanos.

A força de qualquer mística sobre pessoas, grupos e seus movimentos e instituições, encarna-se nas situações que co-determinam a modalidade da sua afetação, o resultado das suas potencialidades criativas, como também de suas inevitáveis limitações.

Nesse sentido, podemos e devemos considerar, para efeito de análise, que não existe uma mística cristã única, na diversidade dos espaços culturais e ao longo do tempo ou da história. Existem místicas cristãs.

O colorido das místicas cristãs, nos espaços e tempos variados das comunidades ou grupos cristãos, está em consonância com os desafios, aos quais devem e querem responder.

Cabe, portanto, hoje, ao educador cristão, perguntar qual o desafio fundamental dos tempos atuais, diante do qual o cristianismo pode encontrar reservas de sentidos existenciais, para colaborar na construção de espaços e tempos culturais mais saudáveis, que respondam melhor à proposta do cristianismo. Antes de respondermos a essa pergunta, cumpre enfatizar que a tarefa educacional, entendida como profissão de pessoas e instituições especializadas, pode definir-se como o cuidado explícito com a produção de subjetividades e concomitantes

mundos humanos, ou, dizendo de outra maneira, com a produção de específicos processos culturais. Compreender, assim, essa tarefa é dar-lhe um caráter de inscrição histórica plena; é fazer da escola e da educação que nela se quer que aconteça uma vivência pensada e refletida, em plena sintonia com o concreto da vida dos educandos e dos educadores. Por que é importante essa sintonia? Porque é o processo cultural, na riqueza das suas forças, das suas virtualidades, das suas contradições, do seu dinamismo, encarnado em propostas e instituições variadas, que plasma os mundos e as subjetividades as quais se tornam, nele, historicamente possíveis.

A escola é ressonância do processo cultural que a produz. Daí a fundamental pergunta que fazemos hoje: o que está acontecendo com o nosso mundo e os seres humanos que o construíram?

Há um mal-estar geral. Há uma sensação espriada de que as coisas estão desmoronando. Já não nos entendemos mais. Parece que perdemos o rumo da vida. Daí a violência, em dimensões tão grandes, que as pessoas desanimam de procurar soluções. O pessimismo vai tomando conta de tudo.

O mundo que está a desmoronar, para nós de cultura ocidental, é o mundo marcado pela mística laica do humanismo moderno. Essa mística apostou na excelência do ser humano; na sua capacidade de construir, para si, um tipo de vida baseado em sadios princípios racionais e, concomitantemente, apto a gerar liberdade e felicidade. O mundo moderno foi concebido em grande parte como contraposto à civilização medieval, a partir de riquezas já nela em desenvolvimento, e no esforço de superar suas grandes limitações.

Uma vivência cristã excessivamente preocupada com a dimensão transcendente da religião levou o cristianismo medieval a ser encarado como quase negação dos valores humanos e de tudo o que tece, em concreto, a vida humana na terra, como, por exemplo, as dimensões

econômica e política da vida. Além disso, a religião cristã tornara-se elemento ideológico de dominação e exploração.

A proposta humanista se levantou como um projeto de esclarecimento das mentes, libertação dos corpos e da própria liberdade humana; uma luta pela dignidade. Empolgou.

O cristianismo, em geral, tanto na versão católica como naquela reformada, com motivações e intensidades diferenciadas, colocou-se na defensiva diante da proposta da modernidade. Essa, por sua vez, mostrou-se agressiva diante do cristianismo. O mundo moderno passou, então, a ser encarado pelo cristianismo como o mundo do pecado, diante do qual era preciso reagir, criando espaços alternativos, espaços físicos, institucionais e simbólicos. A fuga do mundo tornou-se parte preponderante da mística religiosa cristã. Sabem-no muito bem os religiosos e as religiosas. Mas também os leigos.

Para os católicos o Concílio Vaticano II significou uma espécie de reconciliação da igreja católica com a modernidade. Citou-se já com freqüência o início da *Gaudium et Spes* para confirmar essa tese:

as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração...portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história (GS nº 1).

Na América Latina, as comunidades eclesiais de base e a teologia da libertação significaram um esforço enorme de encarnação histórica. Nós somos testemunhas dessas páginas da história. Páginas que nos relatam, inclusive, martírios, frutos de uma mística cristã renovada. Morre-se, não

porque explicitamente se professa o cristianismo e se defende o nome de Jesus, mas porque se defende o pobre, os sem-teto e os sem-terra.

Intrigante é que poucas décadas depois, tudo isso já parece distante. O que vemos hoje, o que é mais visível, se estivermos atentos à mídia religiosa, são outras propostas místicas. O que está a acontecer?

Parece-me que as igrejas não tiveram tempo suficiente para, a partir da aceitação da modernidade, elaborarem uma mística de re-inserção dos cristãos no mundo, o que significa plena aceitação da realidade do mundo, enquanto realidade finita, humana, contraditória, deficiente, pecaminosa se quisermos; mas realidade que é o único lugar onde a experiência religiosa pode dar-se. Seria interessante recordar a afirmação de Silesius, escritor místico do século XVII:

Tu dizes que verás a Deus e a sua luz; estulto, nunca o verás, se não o vês já, agora.¹

O aqui e agora do processo histórico, feito de trigo e joio, é o *kairos*, o tempo oportuno, cujos desafios são horizontes co-determinadores da mística dos educadores cristãos. A primeira vertente dessa mística é claro que está em Jesus, aceito também como personagem da história humana, que teve, como nós, de dar uma resposta histórica, aos desafios do seu tempo. Nesse sentido, uma mística cristã, que queira realmente valer a pena hoje, não pode perder-se numa cristologia, na qual Jesus aparece, apenas, como um ser transcendente.

Um Jesus que, na prática da apresentação de sua mensagem, está isolado do seu povo, da história, da cultura e dos problemas de sua época, não parece ser força convincente para os nossos tempos. Mas sobre essa questão tenho pouco a dizer. Não sou teólogo.

1 VV..AA. Dicionário de mística. Trad. Benôni Lemos e outros. São Paulo: Loyola e Paulus, 2003, p. 706.

O que me cumpre apontar aqui é a dimensão nova da problemática que os cristãos encontram no enfrentamento do mundo moderno, teoricamente e oficialmente aceito, como o lugar e o tempo oportunos, para a vivência do cristianismo e a realização das atividades apostólicas ou evangelizadoras. É que a modernidade, com sua proposta humanista, começa a ser radicalmente questionada, justamente quando os cristãos católicos se propõem abrirem-se para ela. Entender esse questionamento é abrir-se para o novo, para os sinais dos novos tempos. Jean-François Mattéi, pensador contemporâneo, preocupado com a educação, afirma:

*O caráter marcante do homem moderno, aquele que se qualifica como "sujeito" e que nem sempre pondera sua sujeição, é, com efeito, a interiorização e a necessidade de tudo relacionar consigo mesmo.*²

Para Mattéi, aqui está o núcleo do questionamento sério que podemos fazer à modernidade. Trata-se de como a modernidade entendeu o ser humano; do tipo de ser humano que ela propôs como ideal a ser perseguido. Isso diz respeito aos educadores. Isso está profundamente ligado à mística deles, enquanto força determinadora das suas atividades educacionais. É sobre isso que vamos refletir um pouco.

Podemos nos perguntar: o que queremos, quando educamos, ou seja, quando assumimos, por profissão, a tarefa de pensar o processo cultural, enquanto produtor de mundos e de subjetividades; a tarefa de atuar no sentido de cuidar, como profissionais, dos rumos desse processo? O que nos impele a essa tarefa? Sem dúvida, temos uma meta implícita. Nós a explicitamos muitas vezes. Será que há coerência entre esses dois momentos? Sabemos, mesmo bem, o que queremos, ou melhor, cuidamos

2 MATTÉI, J-F. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. Trad. Isabel Maria Loreiro. São Paulo: Unesp, 2002, p.22.

também com esmero desse nosso querer, ou embarcamos na tarefa de educadores, de maneira meio automática? A pergunta, essa pergunta, sempre se impõe, mas se impõe, hoje, de maneira supercrítica; pois estamos em tempos revoltos. Que tipo de mundo e de seres humanos gostaríamos de ajudar a emergir hoje? Por quê? Para quê? Como?

Há um ponto de partida que parece tranqüilo, se estamos atentos à realidade educacional que está aí, e à literatura a respeito dela. Nós não estamos satisfeitos com esse mundo que é o nosso mundo moderno, maravilhoso em muitos aspectos, mas tragicamente ruim e escandaloso sobre muitos outros aspectos. Não estamos satisfeitos com o tipo de seres humanos que somos. O que queremos, então? Que tipo de mundo e de ser humano?

A análise de Jean-François lança alguma luz sobre esse questionamento, quando coloca na própria idéia de subjetividade, que emergiu da modernidade, a responsabilidade maior por aquilo que ele, num jogo de palavras provocante, chama a imundície do mundo moderno: uma subjetividade centrada em si mesma. O que significa isso?

Em contraposição à cultura medieval, que acentuou a dimensão religiosa da vida, apresentou Deus como o valor supremo a ser perseguido, e, nessa perspectiva, o ser humano como relativo, subalterno, dependente, a cultura moderna passa a acentuar a excelência e a grandeza do homem, enquanto ser terreno, material, histórico, empenhado a levar ao desenvolvimento todas as suas potencialidades, das quais a razão podia dar-se conta; e as quais a liberdade podia administrar. Propôs ela a construção de uma civilização que espantasse as trevas da ignorância e da superstição e quebrasse os grilhões das escravidões. Razão, liberdade e felicidade se condicionavam, num progresso infinito, como infinito se revelou o mundo para os modernos, com as novas teorias científicas. Importa acentuar que essa perspectiva

foi endossada por cristãos fervorosos, que procuraram encontrar na bíblia, e julgo eu com razão, argumentos a favor. Basta ler, por exemplo, o belíssimo discurso de Pico della Mirandola (1463-1494) sobre a dignidade do homem. As pinturas de Miguel Ângelo (1475-1564) na capela sistina, retratam para nós o entusiasmo que tomou conta desse período, que se chamou período do Humanismo e do Renascimento. A natureza, os corpos, a realidade terrena e humana são representadas, no lugar sagrado, com toda espontaneidade e dignidade.

Acontece que a modernidade não é fruto de um projeto linear. Alias, o que na vida realiza-se linearmente? Boaventura de Sousa Santos, pensador português da contemporaneidade, acentua:

o paradigma da modernidade é um projeto ambicioso e revolucionário, mas é também um projeto de contradições internas... O paradigma da modernidade pretende um desenvolvimento harmonioso e recíproco do pilar da regulação e do pilar da emancipação, e pretende também, que esse desenvolvimento se traduza indefectivelmente pela completa racionalização da vida coletiva e individual. Esta dupla vinculação - entre os dois pilares e entre eles e a práxis social - vai garantir a harmonização de valores sociais potencialmente incompatíveis, tais como justiça e autonomia, solidariedade e identidade, igualdade e liberdade³

A modernidade, mostra Boaventura, enfatiza a racionalização das relações entre os seres humanos e a natureza, garantindo, assim, a vitória do homem sob essa. O sucesso dessa perspectiva nós estamos vivenciando, através da tecnologia, que dotou o homem de um poder sobre a natureza semelhante àquele que o mito atribuiu a Prometeu.

3 SANTOS, Boaventura. de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Vol. 1. S.Paulo: Cortez, 2000. p. 50.

Esse poder, contudo, revelou-se despótico e irresponsável, ameaçando a sobrevivência das variadas manifestações de vida.

Não conseguiu a humanidade ter igual sucesso de racionalização, no que diz respeito às relações entre os seres humanos. A que assistimos? De um lado, a experiência liberal capitalista priorizou a liberdade e a identidade. Mas provocou injustiças chocantes de desigualdades. De outro lado, a experiência socialista priorizou a igualdade e a solidariedade provocando perdas enormes à emancipação, sem resultados sólidos, no que concerne ao providenciamento das riquezas necessárias ao bem-estar.

Em ambos os casos, a raiz dos males parece estar na forma de subjetividade que se tornou hegemônica no Ocidente: uma subjetividade autocentrada, auto-referenciada, identitária e despótica, apesar das tentativas e, até, alguma experiência de vida democrática.

É interessante acentuar que, apesar de as igrejas cristãs contestarem o mundo moderno, impregnaram-se também elas da mística exaltadora das potencialidades do indivíduo, deixando esmaecer aquilo que, no cristianismo primitivo, constituiu elemento para uma mística da solidariedade e da participação.

Se assim é, importa analisar melhor o que significamos quando nos referimos à subjetividade moderna, como identitária e auto-referenciada. O individualismo moderno teve suas origens numa luta contra aquilo que Kant chamou a menoridade humana, ou seja, a dependência que, em geral, as pessoas mantêm, numa espécie de servidão voluntária, de outras instâncias que não a própria decisão pessoal. Logo no início da modernidade, as duas grandes macro-instituições, contra as quais precisava se defender, eram a Igreja e o Estado.

Diante dessas instituições, que se arvoravam como definidoras dos horizontes existenciais, instituições percebidas, então, como opressoras e caducas, pregou-se a auto-suficiência de cada ser humano, na

definição da sua vida. No ruir de todas as certezas que outrora fundamentavam os valores, restava uma única certeza e um único valor: a do indivíduo, a da sua racionalidade e da sua liberdade. É esclarecedora, a respeito, a maneira como Descartes constrói a sua metafísica sobre a inequívoca certeza que o **eu** tem de sua existência, como ser cogitante, dotado de idéias claras e distintas. De tudo se pode duvidar. Da existência e da natureza do indivíduo cogitante, não. Esclarecedor é também o mote, que se tornou a bandeira do liberalismo econômico, no século XVIII: *laissez-faire, laissez-passer*. Isto significava: nenhuma barreira ao indivíduo, na sua atividade econômica, pois é através dessa liberdade que surgirá a racionalidade do mercado.

A mediação das coisas e das outras pessoas, na definição e configuração da subjetividade própria, ficava completamente esquecida senão, até mesmo, negada. Eu sou eu, e ponto. É somente a partir desse início absoluto, isto é, sem relações, que podem então surgir relações posteriores entre o eu e o mundo, o eu e os outros eus.

Jean-François Mattéi mostra como, no processo de constituição do "sujeito" moderno, ele foi esquecendo as suas "assujeitamentos", para constituir-se como autonomia absoluta. O absoluto do transcendente interiorizou-se na imanência de cada indivíduo. E esse tornou-se despótico.

É bom recordar que temos nos referido, até aqui, ao indivíduo humano particular. Mas podemos nos referir também aos sujeitos sociais que vão se constituindo da mesma maneira: o sujeito raça, nação, estado, partido, congregação religiosa, colégio, igrejas. A mística do individualismo, do egoísmo e da competição passa a impregnar todo tipo de relação.

Em fins do século XIX e inícios do século XX, decretava-se a morte de Deus, em benefício da dignidade e liberdade do ser humano. A partir da segunda metade do século XX, começou-se a pleitear a morte do homem, desse homem moderno auto-referenciado. Em benefício de quê ou de quem? Eis o desafio a que os educadores cristãos têm de dar

resposta. Não podem refugiar-se no álibi de que o cristianismo sempre teve uma proposta diferente daquelas que se tornaram hegemônicas na modernidade e que basta, portanto, reafirmar a proposta cristã; bastam acertos técnicos de modernização da linguagem e das atividades de comunicação. O desafio é muito maior.

Não existe uma mensagem cristã pura, desvinculada das injunções históricas. Existe a mensagem cristã, encarnada em situações históricas concretas. O Verbo se fez carne. O Verbo se fez história. Alias, o Verbo continuamente tem de se encarnar, para ser palavra humana. Perguntamo-nos, então, o que historicamente parece estar se gestando e que deve ser encarado como chance para um repensar da proposta cristã de educação?

Em contraposição ao homem moderno, ao humanismo centrado no vazio do sujeito como afirmam vários pensadores, é preciso pensar uma educação que parta da percepção de que o ser humano não se define por auto-referência a uma interioridade absoluta.

É bom recordarmos que, quando afirmamos **eu sou**, na perspectiva do humanismo moderno, deveríamos completar: **eu sou eu**. Eu encontro, em mim mesmo, a minha definição, a minha configuração. Esse é o ponto de apoio seguro, a partir do qual o eu pode se mover para ulteriores conquistas: definir os outros **eus**, como **tu**; definir o mundo; e, de certa maneira, o próprio Tu absoluto: Deus.

Ora, a experiência mostra-nos, talvez com maior riqueza, que a afirmação **eu sou** poderia significar, como afirma Heidegger, **eu sou junto com, eu sou entre**. Portanto meu ser não é absolutidade em si, que depois estabelece relações. Meu ser é constitutivamente gerado na experiência das relações e pelas relações.

Aceitar a sério essa nova perspectiva teórica implica revisão radical na práxis pedagógica: implica revisão na mística, a força impulsionadora do trabalho.

A primeira revisão diz respeito ao que se visa, quando alguém se dá ao trabalho pedagógico, como educador profissional. Na perspectiva moderna, o cuidado ou a preocupação primeira são os indivíduos educandos, o desenvolvimento profissional deles. Na nova perspectiva, as preocupações prioritárias vão além. Visa-se às configurações de mundos, às redes de relações, pois tem-se a consciência de que é nelas e por elas que os indivíduos acontecem ou se constituem.

Os educadores dedicar-se-ão, portanto, a construir pedagogicamente a Escola. O espaço pedagógico não existe automaticamente, em força do lugar físico, da constituição legal e do ajuntamento de pessoas, ou, melhor, existe como fato social humano bruto, em vista dos fatores supracitados; mas a qualidade da rede de relações, que vão se estabelecer, é tarefa prioritária dos educadores. Segue-se daí que, na opção por um espaço, em que se queira cuidar da experiência do **ser-entre** e do **ser-com** e não do **ser-eu-auto-referenciado**, esse espaço tem de ser sentido como de todos, responsabilidade de todos, construção de todos, portanto, espaço democrático.

Os cristãos não parecem muito afeitos a essa experiência, pois o espaço das igrejas não é democrático. Não vou discutir isso aqui. Mas penso que, hoje, os cristãos têm de responder a esse desafio, se quiserem colaborar na construção de uma humanidade, cada vez mais consciente de que a dignidade humana está ligada à maioridade; e essa a relações democráticas de convivência. Relações democráticas que têm o seu transbordamento em relações ecológicas com a natureza.

No que diz respeito especificamente à missão e à mística, creio que os cristãos têm também de rever suas posições. A força impulsionadora do trabalho cristão é apresentada, em geral, como derivada do fato de eles terem consciência de serem benjamins de Deus, investidos do

encargo (missão) de salvar o resto da humanidade, que vive na miséria e no pecado. O messianismo tornou-se uma dimensão fundamental da mística cristã e, até, o vitimismo: é preciso sofrer para salvar o mundo. As igrejas se apresentam como espaços privilegiados, para os quais a totalidade dos seres humanos deveria acorrer, caso queiram eles chegar à plenitude da verdade e do bem. O mundo é sempre o lugar da corrupção. No fundo, o eu **auto-referenciado** da modernidade encontrou sua versão religioso-cristã.

Os sinais de novos tempos apontam para uma consciência, cada vez mais aguda, da radical historicidade da vida humana, portanto, da radical finitude de todo saber, de todo bem, de todo valor de que cada grupo humano possa ser portador.

Os cristãos não podem, pois, julgar-se donos absolutos da verdade e dos valores, que convêm aos seres humanos; do saber apriorístico sobre o melhor mundo a construir. A construção de mundos e subjetividades, tarefa à qual os educadores se dedicam, profissionalmente, tem de ser humildemente assumida, junto com todos os outros grupos humanos; e se faz no concreto da história, com erros e acertos.

A mística cristã, que parece aceitável e eficaz, hoje, aquela de que a humanidade está carente, é a da radical simpatia com tudo o que é humano, sem pretensão de erigir-se como juiz do mundo. O mundo não está precisando de vítimas que o salvem. Essa pretensão pode esconder uma *hybris* descabida, ou seja, uma presunção perigosa. O mundo está com fome de pessoas, de grupos, de instituições, de símbolos que sejam a transparência do gosto de ser humano: de se encontrar na arriscada, mas venturosa tarefa de realizar o humano, em mil formas diferenciadas, em redes de relações, nas quais os cristãos possam, até, experimentar o prelibar do reino de Deus, ou seja, a convivência saudável.